

Neste fim de século, os monstros proliferam: vemo-los por todos os lados, no cinema, na banda desenhada, em *gadgets* e brinquedos, livros e exposições de pintura, no teatro e na dança. Invadem o planeta, tornando-se familiares.

Cessarão, muito em breve, de nos parecer monstruosos e ser-nos-ão até simpáticos, como já acontece a tantos extraterrestres das séries de televisão. Havemos de falar então da «monstruosidade banal», como se fala agora da «violência banal» — o que constitui, precisamente, uma aberração.

O que inquieta realmente é que não há selecção nem escolha preferencial destes novos invasores: assim como a Antiguidade adorou os centauros, as quimeras e os sátiros, também nós teríamos podido privilegiar os monstros imaginários, resultado de cruzamentos entre espécies diferentes. Mas gostamos indiferentemente do *Elephant-man* e dos anões dos *Freaks*, das «regas fabulosas» e dos monstros teratológicos. Esta atitude é sinal da grande dúvida que assaltou o homem contemporâneo quanto à sua própria humanidade.

Ao verificar, com efeito, a estabilidade do gosto pelos monstros teratológicos, desde os tempos em que o Renascimento pôs cobro às raças fantásticas de ciópodas, cinocéfalos e outras que tais, espantamo-nos com este retorno do

imaginário: como se o saber biológico comum sobre o ser humano tivesse perdido as suas virtudes míticas, fundadoras de uma determinada ideia da normalidade do homem.

É que a própria teratologia se tornou fantástica. Já não nos contentamos com as classificações bem ordenadas de um Geoffroy Saint-Hilare que pacificavam finalmente um universo confuso, racionalmente escandaloso, incapaz, desde há séculos, de estabelecer «as leis da aberração». Ao classificá-las segundo a sua teoria — a primeira teoria científica do desvio teratológico — Geoffroy suprimiu alguma monstruosidade aos monstros. Ora nós exigimos mais dos monstros, pedimos-lhes, justamente, que nos inquietem, que nos provoquem vertigens, que abalem permanentemente as nossas mais sólidas certezas; porque necessitamos de certezas sobre a nossa identidade humana ameaçada de indefinição. Os monstros, felizmente, existem não para nos mostrar o que não somos, mas o que poderíamos ser. Entre estes dois pólos, entre uma possibilidade negativa e um acaso possível, tentamos situar a nossa humanidade de homens.

Ao tornar-se fantástica, a teratologia modificou o seu aspecto. O monstro artificial impôs-se com Frankenstein e, desde então, não deixou de se desenvolver; a manipulação genética prosseguiu a tarefa, prometendo-nos um belo futuro de homens-monstros imaginários (fazendo votos para que nunca viessem a ser reais). Doravante, testamos «experimentalmente» os limites da nossa humanidade: até que grau de deformação permaneceremos ainda homens? Questão antiga que preocupara Santo Agostinho a propósito das raças fabulosas do Oriente.

Excepto que, para nós, se trata de uma questão vital, concreta, em que a sobrevivência da humanidade está em jogo: e a resposta depende dos nossos meios e do nosso querer.

Até onde podemos levar o artifício sem prejudicar a nossa identidade humana «natural»? O artifício está a tornar-se sinónimo de aberração e, contudo, continuamos apanhados na vertigem da experimentação e da aventura, queremos conhecer e tocar os confins de nós próprios, aquele limiar onde deixamos de ser homens. Forçamos a Natureza até aos seus limites extremos — transformamo-nos em homens-moscas, homens-leopardos ou outros: o «humanóide» é um termo que designa uma zona de essências difusas de seres cada vez mais numerosos e variados.

Reencontramos, deste modo, os sonhos mais antigos do devir-animal chamânico; e, ao mesmo tempo, perguntamo-nos, angustiados: que corpo podemos nós ter hoje? Que corpo «natural», humano, para uma alma que se tornou completamente artificial, anti-natural, destruidora da natureza? Pomos à prova os limites da nossa «naturalidade», procuramos pontos de referência por toda a parte e é por isso que acolhemos todas as espécies de monstros: os fabulosos e os teratológicos. O fantástico, aliás, está em situação de se tornar real através da manipulação genética e o teratológico invadiu o imaginário graças às mais diferentes espécies de extraterrestres.

Os monstros tornaram-se quotidianos não apenas porque a violência e o mal, a anomalia em geral, se banalizaram — não dizia Freud que o neurótico acredita que existe sempre uma determinada deformação física correspondente aos seus males psíquicos? — mas porque, ao contrário, o domínio tradicional da anomalia se contraiu: há cada vez menos monstros entre os homens reais cujas patologias (autênticas ou ideológicas) se encontram classificadas cada vez mais longe do domínio teratológico. Desde os «deficientes» mentais até ao índio das Américas (sobre o qual Vaz de Caminha, que acompanhou Álvares Cabral na via-

gem de descoberta do Brasil, ainda se interrogava se seria humano ou «bestial»), já não existem mais monstros, unicamente homens. A extensão dos «direitos do homem» a toda a Natureza, bem como certas ciências como a etologia, contribuem, paradoxalmente, para o desaparecimento das fronteiras: descobrem-se formas de linguagem e de sociabilidade avançada nos mamíferos superiores e isto para não falar das ternas variantes do amor cortês nas cerimónias de sedução sexual de certas aves.

Assim, dividido entre «tudo (na natureza) é humano» (visto que o homem não é senão natureza e código genético) e «tudo (no homem) é artificial», o homem ocidental contemporâneo já não sabe distinguir com nitidez o contorno da sua identidade no meio dos diferentes pontos de referência que, tradicionalmente, lhe devolviam uma imagem estável de si próprio.

Daí o intenso fascínio actual pela monstruosidade. Os monstros são-lhe absolutamente necessários para continuar a crer-se homem.

No entanto, o monstro não se situa *fora* do domínio humano: encontra-se no seu *limite*.

Com efeito, não é na simples oposição que o homem se define em relação aos monstros, mas num sistema complexo de afinidades com figuras (entre as quais, sobretudo, a da divindade e a do animal) que mantêm distâncias estruturais estáveis com a situação que ele ocupa.

Esse sistema postula uma boa distância entre os diferentes pólos da estrutura. Se essa distância se altera, produzem-se anomalias e novas formas podem surgir: se a divindade, ou os poderes sobrenaturais, se aproximam demasiado da humanidade, se se cruzam com o homem, podem nascer monstros teratológicos; se a animalidade invade a humanidade, surgem monstros «fabulosos» — centau-

ros, sátiros, cinocéfalos, homens selvagens¹. Uma aproximação excessiva entre a Natureza e o homem resulta — nesta perspectiva antropológica — num desregramento da cultura, tal como o contacto directo, sem mediações (rituais ou sacrificiais), entre os homens e os deuses.

Em ambos os casos (visto os animais incarnarem sempre os poderes sobrenaturais), é a intervenção divina que se manifesta na monstruosidade do corpo humano. E é por essa razão que constitui um sinal anunciador, uma mensagem divina, um «augúrio».

Assim, o monstro surge por aproximação do que deve ser mantido à distância (divindade/homem; natureza/homem). Além destas duas, outras combinações são possíveis: pode-se dar um cruzamento entre *raças* monstruosas (elas próprias resultado de uma aproximação excessiva entre cultura e natureza) e nascimentos teratológicos *individuais*.

É ao que se assiste na aurora da Renascença quando a crença nas raças declina ao misturar-se com o interesse nascente pelos corpos humanos monstruosos: nascem porcos com cabeça humana (Sébastien Brandt), homens com asas ou com cabeça de elefante (Aldrovandi). Certos traços das raças rebatem-se sobre os indivíduos que passam a possuir as características daquelas, o que corresponde a uma presença mais forte (do que a normal) da divindade na *natureza*. A Idade Média tarda a passar: na iconografia, o desapa-

¹ Adoptámos este termo, um pouco redundante (mas não é a própria monstruosidade física redundante?), de «monstro teratológico» para designar as deformações corporais do corpo próprio, diferenciando-se das fantasias imaginárias das raças fabulosas — das quais algumas, todavia, são «teratológicas». A distinção é cómoda porque o monstro teratológico é sempre individual, enquanto o fabuloso pertence a uma «raça» (neste texto, ocupamo-nos apenas da monstruosidade humana); e, sendo individual, é no entanto diferente do «homem-animal» (homem-porco, p. ex.) que resulta também de um nascimento monstruoso, mas em cruzamento com uma raça.